



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
FACULDADE DE LETRAS

A IMPORTÂNCIA DOS INTÉRPRETES PARA OS INTENTOS COLONIAIS PORTUGUESES E  
FRANCESES DURANTE O SÉCULO XVI NO LITORAL BRASILEIRO

WESLEY ALVES DE ARAÚJO

RIO DE JANEIRO

2017

WESLEY ALVES DE ARAÚJO

A IMPORTÂNCIA DOS INTÉRPRETES PARA OS INTENTOS COLONIAIS PORTUGUESES E  
FRANCESES DURANTE O SÉCULO XVI NO LITORAL BRASILEIRO

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal  
do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de  
Licenciado em Letras na habilitação Português/Francês.

**Orientador:** Prof. Dr. Pierre François Georges Guisan

Rio de Janeiro

2017

WESLEY ALVES DE ARAÚJO  
113151073

A IMPORTÂNCIA DOS INTÉRPRETES PARA OS INTENTOS COLONIAIS PORTUGUESES E  
FRANCESES DURANTE O SÉCULO XVI NO LITORAL BRASILEIRO

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal  
do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de  
Licenciado em Letras na habilitação Português/Francês.

Data de avaliação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca Examinadora:

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Pierre François Georges Guisan (UFRJ)

NOTA: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Luiz Carlos Balga Rodrigues (UFRJ)

NOTA: \_\_\_\_\_

MÉDIA: \_\_\_\_\_

Assinaturas dos avaliadores: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço infinitamente a Deus pelas oportunidades de aprendizado no decorrer deste percurso.

Agradeço aos meus pais, Jorge e Selecina, por terem me proporcionado a excelente criação que tive, sem excessos e nada de pompa, mas repleta de amor e esforço. À minha mãe, que me buscou tantas e tantas vezes na porta da escola, e ao meu pai, responsável por madrugar inúmeras vezes em filas para conseguir uma vaga em todas as instituições de ensino por onde passei. Sempre lutaram para que nada me faltasse. Conseguiram esta façanha, *magna cum laude*.

Sou muito grato a Raquel, minha linda namorada, a melhor coisa que me aconteceu durante a faculdade. Sempre muito companheira, me deu forças em todos os meus projetos, às vezes falhos, às vezes bem-sucedidos.

Agradeço a cada professor que tive na vida. Desde o início, em Santa Catarina, até o final da graduação, aqui no Rio, seus ensinamentos foram de grande valia para mim. Ajudaram-me a crescer e a obter os sucessos que obtive na minha curta caminhada. Agradeço especialmente ao meu orientador, Pierre Guisan, sem o qual não teria conseguido me encontrar no mundo da pesquisa.

Agradeço aos meus amigos e familiares, que sempre me apoiaram, seja através de conversas corriqueiras ou mesmo através de partidas relaxantes de videogame. Um especial agradecimento às minhas tia Dina e Dalva.

Agradeço à Faculdade de Letras e à UFRJ por me darem a chance de alcançar meus objetivos; ao CLAC pelo *coup de pouce* dado à minha carreira de professor de francês, e a cada aluno que tive neste projeto, pois foram vocês que mais me ensinaram, e não o contrário, como se supõe.

Agradeço aos meus professores regentes do estágio, Simone Chaves e Daniel Moutinho. Aprendi muito com vocês.

Agradeço a todos que de alguma forma foram e são essenciais para a minha formação como pessoa e como professor.

“Pouco importa onde nascemos, Hamidou. A identidade é ponto de partida, não de chegada. É pano de fundo, não um *script* fechado. Preciso do outro para alcançar-me.”

(Marco Lucchesi – Carteiro imemorial)

## RESUMO

Tendo como principal base as obras *Les Singularitez de la France Antarctique* (THÉVET, 1558), *La cosmographie universelle* (THÉVET, 1575), e *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil* (LÉRY, 1578), a pesquisa tem como objetivo a observação do contato entre franceses e ameríndios brasileiros durante a estadia francesa no litoral do país entre os séculos XVI e XVII. Para tanto, serão analisadas, além das obras citadas, ferramentas recorrentes que vão desde dados arqueológicos a reflexões antropológicas e filosóficas que remetem ao pensamento sobre o conceito da essência do índio, através das visões do calvinista Jean de Léry e de Michel de Montaigne, ambos observadores do contato entre o europeu e o "selvagem" que resultou da invasão francesa na parte sul da América.

## SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>9</b>
<b>1. Do início do processo colonial no Brasil .....</b>	<b>10</b>
<b>1.1 Das invasões europeias durante o século XVI .....</b>	<b>11</b>
<b>2. Da presença francesa no litoral brasileiro .....</b>	<b>13</b>
<b>3. Dos intérpretes como ferramentas de comunicação entre europeus e ameríndios .....</b>	<b>15</b>
<b>3.1 Dos degredados portugueses .....</b>	<b>16</b>
<b>3.2 Dos truchements .....</b>	<b>17</b>
<b>3.3 Da importância dos truchements e de sua confiabilidade .....</b>	<b>19</b>
<b>4. Da herança do contato franco-tupi .....</b>	<b>21</b>
<b>5. Do fracasso da França Antártica .....</b>	<b>24</b>
<b>5.1 Da Guerra do Cabo Frio .....</b>	<b>24</b>
<b>6. Considerações Finais .....</b>	<b>26</b>
<b>7. Referências Bibliográficas .....</b>	<b>27</b>



## Introdução

O período colonial se constitui sempre como uma ampla fonte de pesquisas para o estudo de línguas e culturas que se encontram no decorrer do processo da colonização. O Brasil é, sem dúvida, um bom exemplo para observarmos em um único cenário diferentes culturas convivendo entre si, mesmo no século de seu “descobrimento”. Não somente portugueses e franceses conviveram nas *terras brasílicas*, mas também holandeses, ingleses e franceses, tendo estes últimos principiado uma empreitada colonial no início da segunda metade do século XVI.

O contato entre europeus e ameríndios é hoje estudado sob diferentes perspectivas, desde a Literatura até mesmo aos estudos linguísticos, perpassando áreas como a Antropologia, a Filosofia, a própria História e também a Arqueologia, disciplinas que vislumbram, cada uma a sua maneira, as diferentes formas que tomaram os caminhos coloniais antes, durante e depois do processo da colonização do Brasil.

Especificamente, o presente trabalho busca observar a maneira como ocorreu o contato entre franceses e tupinambás durante todo o século XVI, tendo como foco a figura dos chamados *truchements*, intérpretes usados para a facilitação das relações franco-tupis no decorrer da tentativa de colonização francesa estabelecida na região da Baía de Guanabara.

Como principais fontes de conhecimento sobre o assunto, serão utilizados os principais relatos de viagens franceses escritos no século XVI, no intuito de analisar o processo do estabelecimento da relação entre franceses e nativos nos entornos da Guanabara e, mais do que a análise desses textos, tentaremos também observar aqui diferentes informações adquiridas no decorrer da pesquisa, que vão desde artigos de importantes historiadores que tratam do assunto a publicações arqueológicas que complementam hoje o acervo de informações a respeito desta parte da História do Brasil que é por vezes desconhecida.

## 1. Do início do processo colonial no Brasil

Ao procurarmos o verbo *colonizar* em determinados dicionários, encontraremos uma série de definições que, juntas, parecem não ser suficientes para acompanhar a evolução do conceito dessa palavra. O dicionário Aurélio, por exemplo, diz em sua primeira definição que colonizar significa *povoar de colonos*, o que é seguido por outras duas significações: *promover a colonização de*, e, por fim, *habitar como colono*. No site do *Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales* (CNRTL), podemos encontrar definições próximas às citadas acima, que liga o ato da colonização estritamente à situação de uma ocupação territorial. Porém, em uma extensão de significado, o CNRTL nos fornece uma definição que especificamente nos interessa no momento: *Colonizar é explorar um território estrangeiro*. Esta, ao que nos parece, tende a ser a significação mais completa para explicar o processo do colonizar, e vai ao encontro do que é defendido por Alfredo Bosi, em sua *Dialética da Colonização*:

[...] sempre que se quer classificar os tipos de colonização, distinguem-se dois processos: o que se atém ao simples povoamento, e o que conduz à exploração do solo. *Colo* está em ambos: eu moro; eu cultivo. (BOSI, 1992, p.5)

Para ir um pouco mais longe, podemos observar os conceitos gregos de *helenização* e de *apoikia*. Enquanto o primeiro está ligado, acima de tudo, a uma difusão cultural por parte do colonizador, o segundo abrange o conceito de duas ideias intrínsecas ao todo da colonização: A ocupação e a exploração. Tal ideia segue a mesma lógica do que é apresentado por Bosi em sua análise etimológica do latim, na qual vemos as palavras *cultura*, *culto* e *colonização* como derivadas de um mesmo verbo, *colo*, que na língua de Roma significou, segundo o autor, *eu moro*, *eu ocupo a terra*, e por extensão, *eu trabalho*, *eu cultivo o campo*. Se retomarmos a citação acima, poderemos observar que os conceitos de *cultivar* e de *ocupar* apresentam conceitos similares, tanto no latim como no grego clássico.

Todavia, ao procurarmos em livros didáticos ou sites informações sobre o início do século XVI no Brasil, encontraremos o uso de *período pré-colonial* para caracterizar as três primeiras décadas de 1500. Ao buscarmos a definição deste conceito, chegaremos quase sempre à mesma ideia: tal período se caracterizou como uma parte da História do Brasil em que não houve, por parte de Portugal, a intenção de ocupar as terras ameríndias, o que se limitou a um cenário de exploração dos materiais presentes no litoral, não havendo, portanto, a preocupação de ocupar o território “descoberto”.

Se levarmos em conta o estudo que Bosi realiza sobre o conceito de *colonizar*, chegaremos à conclusão de que a definição de período pré-colonial ignora uma parte do todo da colonização, afinal, explorar é uma das principais características do processo colonial, que não se restringe apenas à ocupação. Destarte, no presente trabalho, trataremos tal período como *pré-ocupacional*, defendendo a ideia de que houve sim a colonização durante as três primeiras décadas do século XVI, ainda que não tenha ocorrido a prática do estabelecimento de uma política de ocupação das terras brasileiras.

Não pretendemos aqui fazer um amplo estudo sobre o que seria de fato colonizar, mas apenas trazer à discussão elementos que nos auxiliem no trabalho de observação do início do processo colonial no Brasil, principalmente de um período tão importante para o que aqui veremos.

### **1.1 Das invasões europeias durante o século XVI**

Além da invasão portuguesa, que teve início no ano de 1500, as terras brasileiras foram alvo de outros intentos de exploração, como a dos holandeses no Nordeste, e as incursões inglesas no curso e na pirataria no final do século XVI. Todavia, mais que estes países, a França exerceu sobre as “terras portuguesas” uma maior influência que Holanda e Inglaterra, e, em alguns locais do litoral, até mais intensa que a dos próprios colonizadores, realidade esta que culminou, ainda durante o período pré-ocupacional, na organização das chamadas *expedições guarda-costas*, responsáveis pela expulsão de outros invasores europeus, principalmente dos franceses, que se estabeleciam cada vez mais em pontos estratégicos da colônia ainda não ocupada pelos seus “donos”.

Desde a assinatura do Tratado de Tordesilhas, em 1494, a Reino da França apresentou sua total desaprovação em relação à divisão estabelecida por este documento, tendo François I, até então rei da França, imortalizado a irônica frase, na qual diz: *Je voudrais bien voir la clause du testament d'Adam qui m'exclut du partage du monde*<sup>1</sup>. Inconformado com este Tratado, sempre defendeu a política do *mare liberum*<sup>2</sup>, dando seu aval a piratas e a corsários para que pudessem, desta forma, lucrar na América recém “descoberta”. Diante desta situação, a presença francesa no litoral brasileiro, especificamente no Sudeste, e mais tarde no

---

<sup>1</sup> Eu gostaria de ver a cláusula do testamento de Adão que me exclui da divisão do mundo. (Tradução própria)

<sup>2</sup> Mar livre. Política que defendia a livre circulação nos mares.

Norte, estendeu-se durante toda a primeira metade do século XVI sem maiores intervenções, além das expedições acima citadas que não abalaram o intento exploratório dos franceses.

## 2. Da presença francesa no litoral brasileiro

Em 1557, chegava à Baía de Guanabara a primeira frota Reformada<sup>3</sup> da França, trazendo consigo planos e sonhos de um grupo de visionários que, atraídos pela promessa de refúgio religioso prometida por Villegagnon, o líder desta empreitada, almejava participar da criação de uma colônia nas *terras brasílicas* onde supostamente seria instaurado um ambiente de bonança, abrigando todo e qualquer indivíduo que buscasse a paz não encontrada até então na Europa. Mas não eram os primeiros franceses a chegarem à Guanabara. O próprio Villegagnon, líder da colônia chamada França Antártica, chegara meses antes para criar ali uma base que tinha por real objetivo a proteção dos interesses franceses no território tupinambá.

A história francesa no território brasileiro começa, porém, ainda antes dessa que é certamente a mais conhecida tentativa de colonização por parte da França no Brasil. Como já dito, a partir da primeira década de 1500, piratas e corsários do reino francês já circulavam entre os ameríndios do litoral, promovendo progressivamente uma boa relação com a nação que odiava os *perós*<sup>4</sup>.

Ainda que a presença francesa na Guanabara seja, de fato, o mais importante momento da história francesa no Brasil durante o século XVI, o contato entre franceses e ameríndios, muito antes de ser franco-tupi, pode, talvez, ter sido franco-guarani, na até hoje polêmica ocasião em que Binot Paulmier de Gonneville, em 1503, leva à França o que teria sido o primeiro autóctone brasileiro a visitar as terras francesas, um carijó chamado *Essomeriq*, que segundo Jean Paulmier de Courtonne, suposto descendente do nativo, habitou na França até o dia de sua morte, tendo herdado a fortuna de Binot Paulmier e ainda deixado filhos com uma de suas parentes. Tal história, inspiradora do premiado romance *Vinte Luas* (1993), de Leyla Perrone-Moisés, e embora alvo de controvérsias, não está muito longe da realidade aqui apresentada, a de que franceses e indígenas, principalmente tupinambás, estiveram em contato desde o início do século XVI, criando relações políticas, bélicas e econômicas entre as duas nações.

Em *Histoire du Brésil Français* (1878), Paul Gaffarel (1878, p. 112) escreve: *Les relations entre la France et le Brésil furent plus fréquentes et devinrent presque régulières. Hans Staden, le prisonnier allemand, dont nous avons à plusieurs reprises cité la relation,*

<sup>3</sup> Os Reformados eram partidários do calvinismo. A frota que trouxe Jean de Léry em 1557 à Baía de Guanabara era constituída em sua maior parte por adeptos desse movimento religioso, um dos fatores que veio a enfraquecer a França Antártica por conflitos de doutrina e liturgia.

<sup>4</sup> Nome pelo qual os tupinambás chamavam os portugueses no século XVI.

*parle comme d'une chose toute naturelle des voyages des Français.*<sup>5</sup> Ora, para que tais relações se tornem naturais, como Gaffarel diz da relação entre franceses e ameríndios observada por Staden, é necessário que haja certo tempo para a aproximação de ambos os lados, afinal, relacionamentos não se constroem de um dia ao outro.

Nos principais relatos sobre a França Antártica, podemos observar referências feitas a uma base francesa na hoje conhecida Região dos Lagos do Rio de Janeiro, o que confirma a existência, ainda antes da própria criação da colônia na entrada da Baía de Guanabara, de uma rede de influências e ocupações em uma região ainda não dominada pelos portugueses na época. No que concerne à influência que exercida pelos franceses sobre os autóctones do litoral, Paulo Luiz Oliveira (2010, p. 117), afirma que, *nas três primeiras décadas do século XVI, o comércio entre franceses e os indígenas brasileiros era, de longe, mais intenso do que o dos próprios portugueses, detentores dos contratos de pau-brasil concedidos pelo rei.* Tal situação era, sem dúvida, o resultado da falta de uma política ocupacional portuguesa, existente somente a partir de 1532, quando, de fato, as ocupações tiveram início.

---

<sup>5</sup> [...] As relações entre a França e o Brasil foram mais frequentes, tornando-se quase regulares. Hans Staden, o prisioneiro alemão sobre o qual já tratamos algumas vezes, fala de uma forma muito natural das viagens dos franceses [...] Pág. 112

### 3. Dos intérpretes como ferramentas de comunicação entre europeus e ameríndios

A presença europeia na América, tal como em todo ato colonizador, mostrou-se como um antro de contatos entre diferentes grupos étnicos, o que infere, por si só, conflitos culturais e políticos que tiveram de ser amenizados no decorrer do processo colonial, seja por meio da força, seja através de uma aproximação entre europeus e ameríndios, esta última representando o caminho mais rápido e menos conflituoso para o alcance dos objetivos exploratórios. Para estabelecer tal aproximação, o principal critério era o entendimento mútuo que deveria haver entre os dois lados do contato colonizador-colonizado, e, para isso, a compreensão do que é dito pelo outro se mostra sempre como o início das boas relações. Os *pidgins*, línguas mistas criadas com o objetivo de facilitar a comunicação nas colônias, caracterizou-se como um importante elemento para a aceleração do sucesso colonial almejado, todavia, antes que esses fossem criados, foi necessário recorrer a outros mecanismos emergenciais, utilizados tanto por portugueses quanto por franceses no Brasil.

Diante desta realidade, cabia aos intérpretes europeus a árdua função de aprender a língua dos nativos para promover a comunicação intermediada junto a eles. Tal posição estava longe de ser considerada uma tarefa fácil para estes que eram, sem dúvida, o principal elo entre os interesses dos colonizadores e também dos nativos, tendo em vista o grande risco que corriam ao se aproximarem desses *selvagens* desconhecidos, e que a qualquer momento poderiam reagir de forma inesperada. O próprio Villegagnon, ao se estabelecer na Baía de Guanabara, optou pela construção da base francesa em uma pequena ilha onde nem mesmo água potável havia, temendo possíveis hostilidades por parte dos tupinambás.

No caso dos portugueses, para evitar possíveis fracassos, a ação mais direta tomada era, em geral, a imersão desses intérpretes na sociedade indígena. Em alguns casos, eles eram até mesmo enviados para a terra antes mesmo dos outros membros das tripulações com o intuito de saber se os nativos de determinadas regiões eram ou não acolhedores.

As caravelas ancoravam, mais próximo ou mais longe da terra, conforme possível. Grupos de índios quase sempre estavam na praia, conforme descrito pela Carta de Pero Vaz de Caminha. Das caravelas, um pequeno grupo vinha à frente para a praia. Dentre esses, cobaias da reação dos índios, ia, sempre, pelo menos um ou mais degredados.<sup>6</sup> (PIERONI, 1999, p. 19)

Fossem portugueses ou franceses, o fato é que, de início, a principal missão desses indivíduos era a imersão na sociedade indígena, promovendo desta forma uma aproximação que mais tarde pudesse não somente resultar em alianças de escambos, mas também em

---

<sup>6</sup> Os degredados na colonização do Brasil (1999, p.19)

parcerias políticas e bélicas. Tendo-se estabelecido junto aos autóctones, deveriam aprender sua língua, processo que poderia durar meses ou até mesmo anos, a depender da situação.

### 3.1 Dos degredados portugueses

Os degredados eram, em sua maioria, criminosos que, sob a promessa de redenção de suas penas, eram deixados no litoral para que aprendessem a língua dos nativos e que, dessa forma, pudessem servir como meio de comunicação entre portugueses. Além desta função, sua utilização, segundo Pieroni (1999), também possuía outra vantagem para o Reino de Portugal, como o fato de retirar das autoridades portuguesas a responsabilidade pelo sustento de criminosos.

Para a Inquisição, o degredo tinha uma dupla função: de uma parte, funcionava como um mecanismo de defesa da ordem religiosa e social e, de outra, era um processo de purificação dos pecados cometidos. Não se pode, portanto, estudar o degredo inquisicional em Portugal sem levar em conta a dimensão penitencial embutida nas penas.<sup>7</sup>

Todavia, um dos pontos mais interessantes a serem observados é a extrema importância apresentada por indivíduos que eram renegados pela sociedade portuguesa do século XVI. É certo afirmar que a utilização desses intérpretes, principalmente no início dos contatos, era completamente estratégica. Eles não tinham somente a finalidade linguística à qual geralmente se pode imaginar. Sua função era ainda mais perigosa. Embora inicialmente sua presença tenha sido rejeitada pelos nativos, acabaram sendo permitidos nas aldeias, tendo sempre o intuito de coletar informações que pudessem auxiliar os colonos no processo de desenvolvimento exploratório, além, é claro, de aprender a língua dos nativos.

O estabelecimento de relações abrandadas com os autóctones era, como dito anteriormente, mais vantajoso para os propósitos portugueses do que ações extremas de violência, como podemos observar anos depois, quando, dado o início da escravização dos ameríndios, as relações hostis luso-tupis acabam dificultando o desenvolvimento do processo colonial, afastando até mesmo o *perós* de algumas áreas do mapa da colônia, tendo em vista o baixo número de portugueses em comparação ao contingente tupinambá, até então senhores do litoral brasileiro.

Em sua Carta a Dom Manuel, Caminha afirma:

E concordaram em que não era necessário tomar por força homens, por que costume era dos que assim à força levavam para alguma parte dizerem que há de

---

<sup>7</sup> Os excluídos do Reino: a Inquisição portuguesa e o degredo para o Brasil colônia (2000, p. 27)



tudo quanto lhes perguntam; e melhor e muito melhor informação da terra dariam dois homens desses degredados que aqui deixássemos do que eles dariam se os levassem por ser gente que ninguém entende.

Não obstante, o processo de escravização do colonizado parece inerente ao DNA da colonização, e, na contramão da forma mais simples de aproximação, os portugueses acabaram aderindo à brutalidade, perdendo em algumas localidades o que antes era uma promissora parceria que lhes dava lucro com a extração do pau-brasil. Na região da Baía de Guanabara, os tupinambás se aliaram aos franceses, o que deu início a um dos mais sangrentos episódios da História do país.

### 3.2 Dos truchements

No que diz respeito à região da Guanabara, em *Lez Singularitez de la France Antarctique*, obra publicada em 1558 e que relata a experiência do frade André Thévet durante sua estadia nas terras brasílicas em 1555, lemos o seguinte trecho: “Voylà quāt à la religion de noz Barbares ce que oculairement i’en ay congnu et entendu, par le moyen d’un truchement François, qui auoit là demeuré dix ans, et entendoit parfaitement leur langue” (p. 140).<sup>8</sup>

Através desta citação, compreendemos que no local que receberia mais tarde o nome de Rio de Janeiro, havia de fato um contato franco-tupi desde, pelo menos, o ano de 1545, quando ainda não havia sido criada a França Antártica. Porém, dada a história dos contatos entre esses dois povos, seja por meio de piratas ou corsários, e mesmo achados arqueológicos no Município de Araruama, supomos, como dito anteriormente, que a relação entre eles tem seu início ainda antes da década de 1540, no período pré-ocupacional.

*Truchement*, nome citado por Thévet no trecho acima, vem do árabe *Tardjman*, e significa *intérprete*. Foi o indivíduo responsável pela aproximação entre franceses e tupinambás desde o início do século XVI, revelando-se importante peça para a tentativa de colonização francesa do litoral sudeste das terras brasílicas. Assim como os degredados portugueses, esses intérpretes tinham como função o aprendizado da língua dos nativos, visando o estabelecimento de uma relação fortificada pela palavra. Não obstante, se vemos por um lado os línguas<sup>9</sup> de Portugal sendo compostos em sua maioria por criminosos em busca de redenção, no grupo francês observamos também a utilização de crianças para exercer este papel de intermediação diante dos autóctones. Deixadas para serem criadas pelos nativos,

<sup>8</sup> [...] Eis o que observamos sobre a religião dos nossos Bárbaros, que eu vi e escutei através de um *truchement* francês que havia morado naquelas terras durante dez anos, e entendia perfeitamente a língua deles. Pág. 140

<sup>9</sup> Intérpretes.

essas pessoas cresciam nas aldeias e aprendiam desta forma a língua falada pelos senhores do litoral. Por conta desta realidade, não seria exagero utilizar a que talvez seja a melhor definição para caracterizar essas importantes personagens sem rosto do início da História entre França e Brasil. Gaffarel, em nota colocada em uma das edições de *Lez Singularitez de la France Antarctique* de André Thévet, diz :

Ces interprètes normands furent en effet nos meilleurs intermédiaires entre les Brésiliens et nos compatriotes. C'étaient de hardis aventuriers, habitués à ne compter que sur eux-mêmes, aux prises avec des difficultés sans cesse renaissantes, et qui furent très-bien accueillis par les Brésiliens. Non seulement ils adoptèrent leurs usages nationaux et parlèrent leurs langues, mais encore ou prétend qu'ils poussèrent l'oubli de leur origine jusqu'à renoncer à leur religion et à prendre part aux plus horribles festins du cannibalisme. <sup>10</sup>

Esses “aventureiros”, tal como o famigerado carijó Essomeric, serviram também como inspiração para o romance francês intitulado “Rouge Brésil” (2001), de Jean-Christophe Rufin, onde vemos um casal de jovens sendo trazidos à Guanabara para servirem como *truchements*.

Segundo Jean de Léry, na obra intitulada *Histoire d'un Voyage fait en la terre du Brésil* (1578), foram trazidas na frota que aqui chegou em 1557, *six jeunes garçons et cinq jeunes filles*, no intuito de exercerem no futuro a função de intérpretes. Em uma tradução livre, temos como *un jeune garçon* e *une jeune fille*, um menino e uma menina, respectivamente. É necessário ter em mente que no século XVI não havia, de fato, uma divisão que reconhecesse o limite entre a infância, a adolescência e a fase adulta de uma pessoa. Porém, podemos supor que, se neste mesmo século um rapaz entre 15 e 16 anos já podia de fato exercer funções bélicas por ser considerado apto, um *jeune garçon* e uma *jeune fille* teriam, provavelmente, entre 10 e 14 anos de idade. Supomos que estes indivíduos eram de fato meninos e meninas pela especificação dada por Léry em seu relato (pois, se não houvesse a intenção de especificar tal informação, não seria necessária a sua menção no texto). Andréa Daher afirma:

Uma prática corrente dentre os franceses, na época, consistia em abandonar, em plena vida selvagem, meninos, provavelmente recolhidos nos portos da Normandia, para que se integrassem às sociedades indígenas, cujos costumes, diziam os rumores, compartilhavam inteiramente, do casamento ao cannibalismo. (DAHER, 2004, p. 72)

---

<sup>10</sup> “Esses intérpretes normandos foram de fato nossos melhores intermediários entre os Brasileiros e nossos compatriotas. Eram audaciosos aventureiros, habituados a contar somente consigo mesmo, e que foram muito bem acolhidos pelos Brasileiros. Não somente adotaram seus usos nacionais e falaram suas línguas, mas ainda, afirma-se, acabaram por esquecer sua origem, ao ponto de renunciar sua religião e tomar parte em terríveis festins de cannibalismo.” Pág. 140

Diante deste quadro, lança-se a pergunta: Por que escolher para esta função indivíduos tão jovens e com menos experiência do que teriam, certamente, pessoas mais velhas? Sabemos que havia, já nessa época, uma preocupação científica baseada na consciência ou hipótese de que os mais jovens possuem uma maior capacidade para o aprendizado de uma nova língua. Montaigne (1580) afirma de forma clara a diferença entre o processo de aquisição e o processo de aprendizagem de uma língua (latim e grego, respectivamente). Falando sobre sua própria experiência, deixa a entender que, durante o processo de aquisição de uma língua, tudo é mais natural, ainda que o ambiente tenha sido, no seu caso, um conjunto de simulações para que ele pudesse aprender o latim: Todos em sua casa, inclusive sua mãe, só falavam em latim no intuito de que ele “aprendesse” de forma mais rápida. Em relação ao grego, de forma desanimadora, o autor relata sua experiência em um tom que por vezes transborda certo cansaço.

### **3.3 Da importância dos *truchements* e de sua confiabilidade**

Não seria exagero dizer que, sem esses intérpretes, a empreitada francesa de colonização das terras brasileiras seria um fracasso, ainda que de fato a França Antártica não tenha obtido o sucesso almejado em decorrência do apoio político não-existente do Reino da França, que não possuía, tal como Portugal e Espanha, políticas coloniais durante o século XVI.

No diálogo com o povo tupinambá, eram eles os que estavam no centro, seja em situações de escambo ou mesmo em ações fronteiriças (caso realmente existam fronteiras), o que é entendido aqui como um espaço simbólico onde ocorrem as trocas interculturais. Bhabha (1998, p.16) diz que “É na emergência dos interstícios – a sobreposição e o deslocamento de domínios da diferença – que as experiências intersubjetivas e coletivas de nação, o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados”.

A palavra negociação, utilizada pelo autor, encaixa-se perfeitamente na figura do *truchement*, o indivíduo que veicula a informação a ser passada entre os interlocutores do discurso. Através deles foram possíveis as trocas de experiência entre os relatores desta empreitada francesa no século XVI e os autóctones. Inicialmente, André Thévet fala em sua obra sobre a cultura tupinambá, englobando língua, religião e mesmo guerra, e quase sem perceber lemos capítulo por capítulo sem a percepção de que de fato não eram dele os ouvidos que escutavam as histórias contadas pelos ameríndios, assim como não era da sua boca que

saíam as palavras certas para conhecer essas informações. Thévet, tal como Léry, não falava tupi. Somente mais à frente, no capítulo XXVIII de *Lez Singularitez de la France Antarctique*, é citada pela primeira vez a figura misteriosa deste intérprete. Em *Histoire d'un Voyage fait en la terre du Brésil*, obra de Léry, vemos uma maior atenção dada a esses intérpretes. Nos primeiros capítulos pós-chegada à Guanabara, o autor relata a confusão gerada por eles no momento em que Villegagnon ordena o casamento entre eles e as índias, caso quisessem continuar a ter relações sexuais com elas. Descontentes com esta situação, as ideias de um possível “motim<sup>11</sup>” circularam entre eles, o que logo foi descoberto e punido por ordens do próprio Villegagnon, o que de fato marcou o início da queda da França Antártica, ainda mais enfraquecida pelas questões religiosas que afloravam a todo tempo entre os que aqui chegaram em 1555 e a frota Reformada da qual fazia parte Jean de Léry, chegada em 1557.

Quando falamos nos degredados portugueses, nos vem à mente a imagem de criminosos que, por serem exatamente taxados como bandidos, carregam inevitavelmente em suas testas uma marca indelével, o que faz com que eles quase sempre sejam vistos como pessoas mentirosas e traiçoeiras. Todavia, se pararmos para refletir no processo de formação desses intérpretes em detrimento do processo de formação dos *truchements*, chegaremos à conclusão que estes últimos são, de certa forma, mais propensos à traição do que os primeiros. E não é necessário ir longe para chegar a esta conclusão. Estes meninos e meninas (em menor número), trazidos ainda muito jovens para o meio indígena, tinham como principal objetivo, aprender a língua dos nativos, no entanto, por serem ainda novos, o processo de aculturação parece inevitável. No final, ao crescerem junto aos tupinambás, eles praticamente já eram franceses, aderindo completamente à cultura indígena e possivelmente perdendo o sentimento patriota de servir ao Reino da França.

---

<sup>11</sup> Curiosamente, a palavra *truchement*, que ainda hoje possui em sua semântica muito do sentido ligado ao intérprete na Língua Francesa (como a expressão “par le truchement de”, que significa “por intermédio de”), possui uma tradução na Língua Portuguesa. Embora totalmente desconhecidas, as palavras *trugimão* e *turgimão*, ambas sinônimas, além de possuírem o significado de intérprete, tal como em francês e no próprio árabe, podem também significar *fofoqueiro*, definição não encontrada em línguas cujo uso desta palavra foi mais importante que no próprio português. Até o momento trabalhamos com a hipótese de que uma hora ou outra o indivíduo que exerce uma função como a de um intérprete acaba por fim sendo visto como um indivíduo alcoviteiro. Outra hipótese, e que pode estar paralelamente ligada à primeira, é a de que este significado possa estar intrinsecamente ligado aos fatos ocorridos durante a complicada situação entre esses intérpretes e Villegagnon, especificamente após a organização do plano “rebelde” concebido por eles.

#### 4. Da herança do contato franco-tupi

As contribuições culturais dos *truchements* se ampliam a cada novo olhar sobre este objeto de estudos. Quando observamos os resultados deixados pelo contato franco-tupi, notamos em cada detalhe os contornos da presença desses indivíduos. Os últimos capítulos do relato de Jean de Léry dizem muito em relação a isso. No capítulo XX, no qual o autor transcreve uma conversa estabelecida entre ele e um tupinambá, tem-se uma análise esmiuçada da língua falada no litoral sudeste do Brasil durante a primeira metade do século XVI, onde há também a comparação com a estrutura da Língua Francesa. Mais uma vez, o que parece em primeira instância mais uma conversa comum entre dois indivíduos de diferentes culturas, constitui-se como um verdadeiro quadro que nos mostra a extrema importância dos *truchements*, afinal, foi somente através de um intérprete que, segundo Léry, viveu entre os ameríndios entre sete e oito anos, que se fez possível o registro deste contato.

Ao procurarmos em outras fontes sobre o contato entre franceses e ameríndios no litoral brasileiro, principalmente entre línguas e nativos, veremos que a relação entre eles é como uma faca de dois gumes. Enquanto observamos as heranças deixadas por este contato, como transcrições de conversas ou mesmo o conhecimento da cultura de um povo até então desconhecido, o caminho inverso também foi feito, embora pouca informação possuamos a respeito disso.

Além disso, em Araruama, no chamado Sítio Serrano, localizado no terceiro distrito do Município, foram encontrados artefatos que podem nos ajudar a tecer mais hipóteses sobre como se deu o contato franco-tupi, sempre vislumbrando entre as sombras a presença desses intérpretes. Em artigo publicado em 2003, Angela Buarque, sobre os achados no sítio, diz:

[...] salta a quantidade altamente significativa de peças “pré” e pós-contato [...] a camada de ocupação é de 30cm. Nela verificamos não só a convivência de artefatos de tecnologia lítica muito anterior, como facas líticas com retoques por pressão e lascões de quartzo hialino; bem como instrumentos de tecnologia mais recente como polidores de hastes e machados de pedra polida. A cerâmica, nesse espaço, funciona como elo de ligação com a outra cultura com a qual divide o espaço, a europeia. (BUARQUE, 2003)

Entendemos como europeia a presença dos franceses na região, tendo em vista a parceria estabelecida entre os dois lados e a inimizade em comum com os *perós*. Além disso, em meio a tantos achados, uma cota de malha francesa normanda se faz presente em meio a tanta cerâmica, facas e machados. A cota, em exibição no Museu Nacional do Rio de Janeiro,

teria pertencido a um nobre francês, pois soldados não possuíam condições para trajar peças como essa. Temos então outra questão em jogo: por que uma peça de valor como essa se encontrava em uma aldeia tupinambá? Seria o resultado de um escambo? Caso seja, teremos então a hipótese de que as relações entre franceses e tupinambás eram mais próximas do que pensamos, visto que, ao analisarmos a história do escambo entre europeus e indígenas, observamos sempre uma troca desigual, pois ao lermos os relatos da época, temos de um lado o indígena que fornece pássaros exóticos e pedras preciosas, e do outro o europeu que por sua vez distribui facas, espelhos e camisas para as trocas. Dar a um nativo um objeto de tamanho valor como a cota normanda demonstraria no mínimo uma maior aproximação franco-tupi. Buarque (2003) continua: “Se tomarmos como base as práticas dos *línguas* e dos corsários, o escambo nesse sítio está posto em todas as vertentes”.

Todavia, no que diz respeito às trocas culturais entre os dois povos, outros artefatos encontrados no Sítio Serrano nos interessam mais que a própria malha de aço. Segundo Buarque:

É certo que os primeiros náufragos, desertores, línguas e soldados não só incorporaram hábitos das tribos, eles também as influenciaram. Nesse sentido, a cerâmica denominada Neo-brasileira (Neo-Brazilian Tradition), característica desse momento, deve ser interpretada com vistas a essa consideração. Ela, que é uma tradição cerâmica notadamente do período de contato, por possuir itens funcionais antes desconhecidos, mas muito utilizados nos artefatos de cerâmica do “Velho Mundo”. Gargalas, alças, funilamentos de extremidades e bordas com farto reforço, antes desconhecidos pelos nativos, são incorporados a antigas formas consagradas de cerâmica nativa. Essa inovação, altamente característica da interação cultural ocorrida, demonstra que se em um primeiro momento os europeus abandonaram as vestes e se regalaram em rituais antropofágicos, em outro implantaram na cultura material nativa elementos funcionais facilitadores da tralha doméstica de sua cultura europeia. (BUARQUE, 2003)

A riqueza destes artefatos enaltece em muito a presença dos intérpretes, pois logicamente constatamos que nada disso poderia ter sido feito sem eles. E como não admirar um processo que foge da ordem natural do ser humano? A convivência em grupo com sua própria cultura trocada, talvez à força, pela posição de intermediário imposta entre o seu povo e o desconhecido. A saída do lugar para o não-lugar em que foram postos estes indivíduos certamente se constitui como interessante fonte de pesquisa para sabermos um pouco mais sobre como se deu a troca cultural franco-tupi.

Tal contato ultrapassou a fronteira das relações política e econômica (ainda que para os interesses franceses esses tenham sido de fato o principal objetivo ao pôr em prática este

intento "solitário"<sup>12</sup> de colonização na região da Baía de Guanabara), deixando como legado os resultados culturais presentes em diversas áreas, como nos pensamentos filosóficos de Montaigne e Rousseau, na Literatura dos relatos de viagem, nas transcrições linguísticas feitas por Jean de Léry e mesmo em artefatos arqueológicos encontrados no Sítio Serrano, em Araruama, o que corrobora ainda mais a ideia de que as culturas francesa e tupinambá exerceram uma sobre a outra suas influências, seja no que diz respeito a questões subjetivas, como dito acima, seja no que concerne à praticidade do cotidiano.

---

<sup>12</sup> Solitário devido ao fato de não haver por parte da França uma política colonial no século XVI. Embora as terras brasileiras tenham sido desde o início observadas pelos reis da França, somente permissões de pilhagens eram dadas a corsários para que explorassem as terras tupinambás. Todo o intento de estabelecer uma colônia francesa na região da Baía de Guanabara era sustentado financeiramente por terceiros, como Gaspar de Coligny, principal idealizador do projeto, e que deu nome à base chamada de Forte Coligny, situada na ilha hoje conhecida como Ilha de Villegagnon.

## **5. Do fracasso da França Antártica**

A tentativa de colonização francesa na Baía de Guanabara se constituiu como um breve suspiro dos planos de Gaspar de Coligny e de Villegagnon, principais responsáveis por este intento colonial. Um dos principais motivos para explicar o fim desta efêmera colônia é, sem dúvida alguma, as divergências religiosas que foram completamente na contramão do que seria o principal objetivo da França Antártica: Um refúgio de paz, segundo Villegagnon. Desacordos sobre a liturgia, como a forma de realizar a Santa Ceia, por exemplo, minaram aos poucos as relações entre os que eram e os que não eram adeptos à Reforma. O próprio Villegagnon passou durante este processo por duas conversões, nas quais se tornou adepto à doutrina calvinista e, após tantas contendas, acabou mudando de posição.

As confusões geradas pelos truchements também contribuíram para a ruína da colônia. Após a descoberta dos planos de realização de um motim e, após isso, a execução de compatriotas, as relações ficaram cada vez mais difíceis, ao ponto de muitos franceses, incluindo o próprio Jean de Léry, juntarem-se aos tupinambás em terra firme, no intuito de escaparem do que se constituiu como uma verdadeira ditadura na Guanabara. Tempos depois, já de volta França, Léry escreveria seu relato de viagem, em resposta ao relato de André Thévet, escrito anos antes e que, segundo o calvinista, apresentava um alto número de mentiras a respeito do que aconteceu na França Antártica.

Após tantas desavenças e desgostos, Villegagnon retornou à Europa para lá tratar de questões religiosas, além de conseguir mais ajuda para a colônia. Durante esta viagem, os portugueses invadiram a Baía, travando uma batalha contra os franceses que, a esta altura, já se encontravam em estado de desmoronamento devido às questões internas que flagelavam cada vez mais a sobrevivência da comunidade francesa que persistia na tentativa de colonização.

Em 1560, os soldados portugueses puseram um fim nos planos franceses de colonização, destruindo o que restou do Forte Coligny, criando, em 1565, a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

### **5.1 Da Guerra do Cabo Frio**

Já em 1575, o Governador da Capitania do Rio de Janeiro, Antônio Salema, seguiu com seu exército, juntamente aos aliados temiminós e seu líder Araribóia, rumo ao Cabo Frio, região até hoje alvo de muitas dúvidas sobre a suposta localidade, que pode, segundo alguns



historiadores, ser a região que vai de Niterói até a cidade de Cabo Frio, na Região dos Lagos do Estado do Rio de Janeiro. Lá conduziram um dos maiores massacres indígenas ocorridos no Brasil, dizimando praticamente todos os tupinambás daquela região, inclusive franceses e ingleses que conviviam em tribos nesta área.

Há autores que afirmam a não existência de uma guerra propriamente dita:

Não houve batalha de portugueses com Tamoios e franceses no Cabo Frio. A expedição do Governador e seu Capitão-Mor em 1575, apenas cercou uma aldeia onde se acolheram os índios, além de dois franceses e um inglês; os quais foram obrigados a se render devido à absoluta falta d'água na aldeia. Salema e Cristóvão de Barros, que não mostraram ser soldados de honra, aproveitaram-se da rendição dos índios e o pânico de suas famílias, para levar a cabo o extermínio do que restava da grande Nação dos Tamoios, pelo morticínio e a escravidão.

Southey escreveu sobre o episódio final:

“Entre os Tamoios fez-se tremenda matança; a sua perda em mortos e cativos orça-se em oito ou dez mil, e foi tão pesada, que as relíquias desta famosa tribo<sup>13</sup>, abandonando a costa, retiraram-se para as serras”.<sup>14</sup>

As Serras de Minas Gerais, de onde vieram e desapareceram da história os heroicos Tamoios. (PEREIRA, 2000, p. 128)

---

<sup>13</sup> O termo “nação” seria, neste caso, mais adequado (grifo meu).

<sup>14</sup> Southey, op.cit.Vol.1, p.226.

## **6. Considerações Finais**

O contato franco-tupi é, ainda hoje, repleto de conteúdo a ser estudado. Constitui-se como um importante período da História do Brasil que, nas escolas, é muitas vezes abandonado em prol de um ensino de História que prioriza acima de tudo o lado dos vencedores, omitindo e até mesmo repetindo falsas verdades sobre algumas questões históricas que deveriam ser avaliadas e revistas a fim de ampliar o já vasto conteúdo sobre a história do nosso país.

A figura dos intérpretes, sejam franceses ou portugueses, deve sempre ser colocada em um plano prioritário em qualquer observação do contato euro-tupi, visto que, sem esses indivíduos, não teríamos nada do que temos hoje sobre os contatos culturais praticados na época.

Analisar este contato tentando conciliar as diversas áreas que englobam este objeto de pesquisa se apresenta cada vez mais como uma árdua tarefa, porém, necessária e compensadora, pois nas áreas das Ciências Humanas, uma disciplina pode, muitas vezes, complementar a outra.

### Referências Bibliográficas

ABBEELE, Georges Van Den. Qu'est-ce qu'un Truchement?. Disponível em <<http://formatacaoabnt.blogspot.com.br/2011/10/referencias.html>>. Acesso em 02 de Jun. 2015.

DAHER, Andrea . A conversão dos Tupinambá entre oralidade e escrita nos relatos franceses dos séculos XVI e XVII. Horizontes Antropológicos , v. Ano 10, p. 67-92, 2004.

DICTIONNAIRE LITTRÉ DE LA LANGUE FRANÇAISE. Disponível em: <<http://www.littre.org/definition/trucheman>>. Acesso em: 25 de set. 2016.

DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009. Instituto Antônio Houaiss. 1ª ed.

FRAGOSO, Tasso Augusto. Os Franceses no Rio de Janeiro. 3ª ed. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Editora, 2004.

LÉRY, Jean de. Histoire d'un voyage faict en la terre du Brésil, autrement dite Amérique, Lausanne: Bibliothèque romande, 1972.

OLIVEIRA, Paulo Luiz. Tamoios: Senhores do Litoral, Saquarema: Tupy, 2010.

PIERONI, G. M.. Os excluídos do Reino. Textos de História, Brasília, v. 5, p. 23-40, 1997.

TAVARES, Luiz Fabiano de Freitas. Conflitos da França Antártica. Revista de História, Rio de Janeiro, SABIN, ano 5, n. 49, outubro, 2009.

THÉVET, André. Les singularitez de la France antarctique, autrement nommee Amerique, & de plusieurs terres et isles decouvertes de nostre temps, Paris: Maisonneuve & Cie, Libraires-éditeurs, 1878.

THÉVET, André. La Cosmographie Universelle, disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8626691v/f12.image.r=andr%C3%A9%20thevet>>, Acesso em: 3 de maio de 2015.

